

Bloco de Notas

Ameaça islamista na Ásia Central

É preciso estar atento à situação na Ásia Central, onde grupos islamistas estão a tentar derrubar alguns dos regimes das antigas repúblicas soviéticas para instaurarem o Estado islâmico na região. Este é um assunto que só muito raramente e de forma muito discreta chega à atenção dos políticos nas capitais ocidentais, sublinha o *International Crisis Group* (ICG, organização vocacionada para a prevenção de conflitos) num relatório de 1 de Março sobre a “mobilização islamista e a segurança regional” na Ásia Central. O desconhecimento deve-se sobretudo ao facto de se tratar de uma região remota e de haver poucos peritos ocidentais dedicados a esta área. O ICG considera que a ameaça de violência por parte dos movimentos islamistas na Ásia Central “é real, mas tem sido muito exagerada pelos governos regionais e por outros países, como a Rússia, a China e os EUA”. Aconselha, no entanto, os governos ocidentais a não apoiarem explicitamente as políticas de exclusão e supressão dos elementos islamistas por parte das autoridades locais, porque estas poderão ter um efeito contraproducente, intensificando as tensões, e podendo conduzir a um confronto militar. ■



O que valem as Lajes?

É a esta pergunta que respondem, na “Política Internacional” do Outono/Inverno 2000, José Medeiros Ferreira, com um texto intitulado “Os Açores na encruzilhada da política europeia de segurança e defesa comum”, e Miguel Monjardino, que discute “A base indispensável? As Lajes e a ‘Pax Americana’”. Medeiros Ferreira salienta que o Estado português deve resguardar-se de potenciais desentendimentos entre as várias organizações de segurança e defesa ocidentais de que faz parte porque “se esses desentendimentos se estendessem, os Açores seriam provavelmente um teatro de disputas de influência”. Já Monjardino critica a “falta de um pensamento regional sobre questões estratégicas” e o facto de os decisores políticos e alguns analistas nacionais “manifestarem uma considerável relutância em averiguar qual tem sido o papel da base na estratégia americana e o que é que Washington pensa sobre as Lajes”. E conclui que “as Lajes são hoje em dia uma espécie de pequeno teatro político e diplomático em que tem sido extremamente fácil e conveniente aos diferentes actores nacionais e regionais exagerar o valor estratégico da base”. ■



Os riscos da imigração ilegal

A “Jane’s Intelligence Review” regressa, no seu número de Janeiro, à questão das novas ameaças transnacionais. Na lista das 10 principais questões de segurança transnacional, que vão do terrorismo à proliferação de armas químicas, biológicas e nucleares, passando pela lavagem de dinheiro sujo e pelos crimes informáticos, destacamos a questão da imigração ilegal. Este é, actualmente, “o negócio com o mais rápido ritmo de crescimento para o crime organizado”. Criminosos e terroristas trabalham em cooperação com os grupos que tradicionalmente se dedicavam ao tráfico de seres humanos, que hoje se faz sobretudo do Sul para o Norte e do Oriente para o Ocidente. Grande parte dos clandestinos vem, pelas rotas marítimas, do Extremo-orient e do Sudeste asiático para a África e Europa através do Índico, e para a América do Norte através do Pacífico. As rotas terrestres vêm de Moscovo para a Europa Ocidental através da Europa de Leste, “onde os guardas fronteiriços são subornados”. ■



A política externa italiana

Depois de quase 40 anos sem ter uma política externa definida e assumida, a Itália começou nos últimos anos a desenvolver esta área. No “The International Spectator” de Dezembro, publicação do Instituto Affari Internazionali, James Watson analisa dois livros recentemente publicados em Itália precisamente sobre política externa: “Con gli occhi degli altri. Pregi e difetti del proprio paese nell’esperienza di un inviato speciale”, de Dino Frescobaldi, e “L’interesse nazionale. Dieci storie dell’Italia nel mondo”, de Maurizio Molinari. Watson explica que a Itália conseguiu finalmente abandonar a “política externa baseada na ambiguidade” ou, como disse em tempos Sergio Romano, “a ansiedade de participar e o desejo de evitar as regras da participação”. Continua, no entanto, a haver “um conjunto de possíveis tensões” que tornam difícil a formulação e aplicação dessa política, nomeadamente as diferenças de posição entre os (sempre vários) partidos que compõem as coligações governamentais, a que se somam por vezes divergências com o Presidente da República, com o Vaticano, ou até com a comunidade de Santo Egídio, que “gere mais um serviço diplomático paralelo e não oficial”. Estas diferenças, diz Watson, “são cruciais e o maior obstáculo para a Itália poder conquistar o seu verdadeiro peso em questões internacionais”. ■

